

Revista Brasileira de Letras, Linguística e Artes

ISSN 3085-816X

vol. 2, n. 1, 2026

... ARTIGO 2

Data de Aceite: 06/01/2026

A LITERATURA DE CORDEL COMO FERRAMENTA DE PERPETUAÇÃO HISTÓRICA-CULTURAL DO DISTRITO MARINHO – BOQUEIRÃO – PB

Joab Jorge Leite de Matos Júnior



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Introdução

É de suma importância o ato do registro para possibilitar para gerações futuras o conhecimento dos fatos vividos por seus antepassados, e isso é comum a todas as áreas do conhecimento. Contar a história de um povo é algo magicamente intangível e faz com que a cultura desse povo perdure por todo o existir. E é nesse contexto de manter viva a história de uma cultura que entra a literatura de cordel como ferramenta lúdica para esse contar de forma simples e encantadora.

Nossa pesquisa tem como finalidade mostrar a importância da literatura de cordel para a perpetuação da história de um povo, que no caso traz um pouco da história do Distrito do Marinho – Boqueirão – PB, esse material foi produzido por instrução de um projeto em sala de aula, o que caracteriza nossa pesquisa como pesquisa-ação, já que se baseia num relato de experiência.

Nosso estudo teve como objetivo mostrar a grande influência que a literatura de cordel tem na expressão de um povo e na perpetuação da história deste. Acreditamos que seja relevante abordar o assunto e realizar o estudo do fenômeno literário por se constatar que, inúmeras vezes, no trabalho docente, o professor se depara com a influência direta que as manifestações populares simples exercem sobre a escrita, oralidade, expressão de uma forma geral, e mostrando que isso não é uma coisa negativa, muito pelo contrário, é nessas manifestações “simplórias” que estão muitas vezes a possibilidade de perpetuação da história, costumes, crenças, ou seja, cultura de um modo geral.

Para realização de nosso estudo inicialmente efetuou-se a leitura do material que serviu de aporte teórico, para com este,

termos ferramentas para resolvermos indagações que perduraram por todo o nosso estudo. Logo em seguida, iniciamos a análise do corpus escolhido, observando as influências que a oralidade exerce sobre a escrita, analisando-as com base na teoria lida.

Por fim, já mostrado o nosso objetivo, esperamos que de alguma forma, o estudo realizado, venha a contribuir de uma maneira geral no âmbito escolar ou até mesmo no acadêmico, como proposta pedagógica para o ensino de língua, arquivos da história do nosso distrito e até mesmo como fonte de pesquisa para os que venham a interessar-se pelo tema.

Fundamentação Teórica

Breve Histórico sobre a língua

Durante mais de dois mil anos houve a preocupação por parte dos estudiosos em preservar a língua “pura” de acordo com a forma de utilização da língua dos grandes poetas gregos, ou seja, não se cogitava nem a mínima ideia de que existiriam variações na língua. No entanto, a língua é dinâmica, e se modifica a todo o instante, para evitar que a língua “pura” deixasse de existir, surge a gramática, como forma de modelo para quem quisesse escrever como os famosos poetas.

Esta gramática que se prendia apenas a língua escrita e elíptica, já que destinava-se a um certo público (poetas da elite e aprendizes) deixa uma grande lacuna em seus ensinamentos, lacuna esta que até hoje, nos dias atuais, não foi totalmente fechada. Essa gramática preocupava-se apenas com a língua escrita e pior, desconsiderava que a língua é passível de mudanças, que nós sabemos hoje que acontece a todo instante.

Este tipo de “instrução” infelizmente perdura até os dias de hoje, mas o lado bom é que não com tanta intensidade.

Nos dias atuais, sabe-se que o ensino de língua não é suficiente quando este é pautado apenas em definições da Gramática Tradicional, pois no decorrer dos anos constatou-se que esta não é totalmente eficaz, existem muitas lacunas em seus conceitos, definições e formas de pensar. Isso acontece porque, a gramática trabalha com a visão de que a língua é um produto pronto e acabado e isso não é verdade, estudos e experiências provam que, a língua é um mecanismo vivo e que está em constante transformação, se é vivo e se transforma é porque é passivo de mudanças, ou seja, estudar a língua como objeto estático, não funciona mais.

Dentro desse contexto, surge a linguística (1960), que tem como fundador Ferdinand de Saussure, que estuda os fenômenos da língua, ou seja, surge um novo olhar para o ensino de língua, um olhar mais aberto, que não vê a língua como se fosse um bloco de concreto, e sim como a fluência de um rio onde as águas estão em constante renovação. Este estudo teve início com a publicação de Curso de Linguística Geral, dois anos após a morte de Saussure.

A partir desse período, com o surgimento dessa nova perspectiva, a língua passou a ser vista com outros olhos, dando-se importância a coisas que antes eram subestimadas como, por exemplo, a língua oral, já que se sabe que a oralidade sempre antecedeu a escrita, portanto tem grande importância na busca por tentar entender os fenômenos da língua, claro sem desmerecer a escrita, pois esta funciona como mecanismo de arquivo para que as gerações futuras possam usufruir do que as gerações anteriores pesquisaram/ pensaram/ produziram.

O que é certo e o que é errado?

Quando vemos a palavra “erro” já se sente aquele frio na barriga, já se pensa em punição, em reprovação, assim acontece todos os dias em aulas de língua portuguesa, quantas e quantas vezes nos deparamos com uma palavra grifada em atividades escolares e na frente escrito “ERRADA”, isso traumatiza. Pois bem, essa noção de “erro” é bem relativa, já que na maioria das vezes o que acontece é uma forma diferente de usar a língua, isso é muito comum em correções ortográficas. Onde se vê erro, na maioria das vezes é apenas a influência que a oralidade exerce sobre a escrita, só se pode dizer que há erro quando o enunciado interrompe a ação de interação entre os interlocutores, do contrário não há erro, há inadequação.

Segundo Bagno (2004), as pessoas falam e escrevem diferente porque cada uma utiliza-se de regras da sua própria gramática, ou seja, cada um tem mesmo sem ter ido a escola, um conjunto de regras em nosso consciente, as quais utilizamos a todo momento. O que gera essa sensação de erro é o fato de que cada um contando com sua verdade acha que a verdade do outro é mentira. Cada falante, por mais humilde que seja a sua instrução, obedece a uma série de regras quando se expressa, o que acontece é que essas regras pertencem a uma gramática própria desse falante e não a Gramática tradicional, por isso são taxadas de erro. A língua falada é organizada, sistemática e regular, mesmo que cada variante obedeça as suas próprias regras.

Quando erramos a ortografia estamos usando mal a língua Portuguesa?

Muitas vezes o que chamamos de erro de ortografia é nada mais do que um pequeno desvio de grafia influenciado pela presença constante da oralidade na escrita. Ao contrário da língua que é natural, a ortografia é artificial, por tanto deve ser aprendida na base do treino, do esforço, ao contrário da língua que é adquirida espontaneamente.

O uso da sintaxe, semântica e pragmática

Ninguém fala por frases, cada um quando se expressa produz um texto por menor que seja, e para que haja a emissão desse enunciado é necessária antes uma fase chamada de produção, onde cada um se utiliza de todas as ferramentas internalizadas em seu consciente para produzir textos orais ou escritos, e nessa etapa nos utilizamos de três elementos: a sintaxe, a semântica e a pragmática. A sintaxe estuda a relação que as palavras mantêm entre si. A semântica é o estudo da relação que os signos lingüísticos mantêm com as coisas as quais eles designam. E por fim, a pragmática, que estuda a relação que os usuários da língua mantêm com os signos lingüísticos e com os demais falantes. Levar em conta esses três fatores é indispensável na hora de examinar qualquer fato que aconteça na língua.

Como saber se estamos falando certo ou errado?

Normas com relação língua são regras que a gramática tradicional faz (tenta fazer) com que nós obedeçamos. Essa norma reza que nós temos que segui-la o tempo todo e em todo lugar, e isso sabemos nós, que é to-

talmente impossível. É o mesmo que pedir que você vá a uma missa vestindo apenas a roupa íntima. A norma culta seria a língua padrão que serviria para tornar afetiva a comunicação em algumas determinadas situações onde a exigência seja que a pessoa se comunique formalmente, do contrário não funcionaria. Em outras palavras, a norma culta não é um produto pronto, mas, é um molde onde quem estiver na necessidade de usá-lo terá que se encaixar.

Sociolinguística: a língua em que fala

A língua é heterogênea, portanto, tem múltiplas faces. E é utilizada por diversos tipos de usuários. As variantes estão presentes em todos os níveis de formalidade e de informalidade da língua, ou seja, por mais formal que a língua esteja sendo utilizada em um determinado momento ela esta passível de mudança, passível de variação. Isso acontece com mais frequência na variante informal, já que é a utilizada pela maioria da sociedade.

Com relação às variações achamos interessante citarmos Ilari (2009), que traz os tipos de variedades que a língua sofre no decorrer do tempo e também do veículo que a vai transportar e até mesmo ao público a qual ela vai se dirigir.

Primeiramente, temos a variação diacrônica, que seria a variação que a língua sofre no decorrer do tempo de seu uso. Outra seria a variação diatópica, aquela em que a língua sofre mudança dependendo do lugar que ela esta sendo utilizada, nesse tipo é que entram as variantes regionais, que serão o objeto de estudo de nossa análise. Outra seria a variação diastrática que é a que acontece em virtude da utilização da língua pelas

peças que tem um nível de instrução muito pequeno. E por fim, a variação diamétrica que é a variação que a língua sofre em virtude do veículo, da forma como se coloca e ao público a qual ele está se dirigindo nesse momento.

Pesquisar é importante?

Pesquisar significa buscar, ter, dar uma nova chance de ver as coisas por um ângulo diferente, na questão do ensino de língua, por exemplo, sempre se foi escravo das teorias e conceitos doutrinários da Gramática Tradicional, porém essa história está mudando, hoje com o hábito da pesquisa novas portas se abrem, novos caminhos para serem tomados, novos rumos a seguir, são fruto de um trabalho de pesquisa que constatou que os dogmas da GT não são necessários para abranger todos os fenômenos existentes e que ainda vão surgir em nossa língua.

O papel da escola além de transmitir algum conhecimento, é o de fazer com que o aluno consiga produzir o seu próprio conhecimento, baseado em um ensino que se faça na ação-reflexão do aluno em relação ao mundo e não como mera memorização. A partir do momento que há uma reflexão o aluno produz, e isso faz gerar o conhecimento eficiente que é o que o aluno aprende fazendo e não por que é pra ser feito dessa maneira.

Que fala cabe a escola ensinar?

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para respeito à diferença. (PCN de Língua Portuguesa, 2001 – p. 31). Ensinar o aluno a ser um cidadão crítico, autô-

nomo, escritor de sua própria história, que para isso deve colocá-lo em situações reais de uso das variantes da língua, ou seja, colocá-lo em contato com o maior número de gêneros textuais possíveis, já que nesses textos a variação é em mais efetivada, portanto melhor de ser compreendida, e claro, melhor de dar-se respeito ao diferente.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual a forma adequada de se expressar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber moldar sua fala às diferentes situações comunicativas as quais o usuário for introduzido. A solução seria tornar cada vez o aluno mais capacitado para poder se adequar a essas situações, portanto não cabe a escola corrigir, e sim preparar para a vida em sociedade, fazendo com que o aluno ao entrar em contato com o social, saiba se introduzir sem causar dano ou inquietação às mais variadas situações comunicativas.

Dizendo isso é claro que não somos a favor de que se acabe com a gramática, porém somos a favor sim de que acabe a questão de tomá-la como única base invariável.

Gênero Cordel: um pouco de sua história, suas formas e seus temas

A pesquisa sobre literatura de cordel tem aumentado com o passar dos anos. Outras áreas estão igualmente oferecendo a sua contribuição para o estudo desta modalidade de literatura, entre as quais podemos mencionar a Teoria da Literatura, a Sociologia, a Antropologia, a Semiótica, entre outras.

Por outro lado, de acordo com Pinheiro e Lúcio (2001, p. 7), nota-se que a venda dos folhetos de cordel encontra-se em queda, mas que, ao contrário do que se possa

pensar, esse fato não se deve ao desinteresse do público, que revela boa receptividade aos “poemas de bancada”. O que realmente influi no retraimento do leitor é a falta de um trabalho eficiente de divulgação dos folhetos, ao mesmo tempo em que cresce a cada dia o número e a diversidade de novas mídias que o assediam de todas as formas.

O cordel consiste em poesia popular, composta em versos que narram histórias de batalhas, amores, fatos políticos, etc., e que, como toda produção cultural, vive momentos bons e maus. No final do século XIX e início do século XX, os folhetos concentravam-se quase exclusivamente na narrativa da vida dos nordestinos que viviam no campo ou nos vilarejos, onde tinham constituíam-se como pequenos comerciantes. O movimento migratório provocado pela seca na virada do século XIX, empurrando populações inteiras do campo para as cidades, em busca de melhores condições de vida, foi decisivo para a constituição da literatura de cordel como hoje a conhecemos (PINHEIRO E LÚCIO, 2001, p. 11-12).

Os escritores que foram para as cidades neste período levaram consigo uma bagagem de experiências de vida e de histórias contadas e ouvidas. Transpondo para o papel essas histórias, conferiram ao cordel as características singulares de ritmo, e musicalidade e riqueza temática que caracterizam os folhetos como documento de identidade histórico-cultural do nordeste brasileiro. A partir de então, o cordel, visto como literatura própria de comerciantes analfabetos, agricultores pobres e ex-escravos, abrangendo apenas o âmbito familiar e as rodas de amigos, sai gradativamente destes ambientes restritos, para ocupar espaços antes reservados à elite letrada do país.

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada por estudiosos da língua, para nomear os folhetos vendidos nas feiras, a exemplo do que acontecia em Portugal. Lá, esse tipo de literatura, direcionado ao público das camadas médias da sociedade (militares, padres do baixo clero, funcionários públicos, artesãos, etc.), era vendida a baixo preço, em livros pendurados por um cordão. Quem geralmente os comprava era uma pessoa letrada, que os lia para um público não-letrado.

No Brasil, assim como em Portugal, a leitura do cordel, no passado como no presente, realiza-se coletiva ou individualmente. O autor dos folhetos é aqui conhecido atualmente como “cordelista” ou “poeta de bancada”. Suas temáticas principais são as histórias de cangaceiros, de boiadeiros heróicos, de príncipes, reis e princesas, de animais encantados, de “mal-assombros”, de personalidades ilustres da história ou pitorescas, de figuras e fatos que fazem parte do imaginário histórico, religioso e social do nordeste brasileiro.

Ainda de acordo com Pinheiro e Lúcio (2001, p. 15), as características formais, de apresentação e de linguagem dos folhetos se definem entre o final do século XIX e o início do século XX, quando Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde iniciaram a publicação de seus trabalhos e estabeleceram regras de composição e de comercialização dos cordéis. Nessa época (1893 – 1908) constitui-se um público leitor-ouvinte que aguardava a saída dos folhetos e os comprava, fielmente (GALVÃO, 2006, p. 31).

Inicialmente os folhetos eram impressos em tipografias de jornais, mas com o passar do tempo começaram a ser impressos nas tipografias dos próprios autores, que

produziam e vendiam, e com isso garantiam o sustento da família. No início a venda dos folhetos se fazia nas ruas, mas, a partir de 1920, passaram a ser vendidos também em mercados públicos, através de revendedores.

Com o sucesso da venda dos cordéis, alguns cordelistas, como João Martins de Athayde, compraram os direitos de publicação da obra de outros autores, tornando-se *editores* proprietários. Isso, de acordo com Pinheiro e Lúcio (2001, p. 17) gerou muita confusão, pois o editor só colocava o seu nome no material e o do autor legítimo sumia. Para evitar tais transtornos, os cordelistas passaram a escrever seus nomes em acrósticos, nas últimas estrofes dos poemas. Hoje em dia esses problemas com a autoria dos cordéis não existem mais, mas o acróstico continua a ser usado.

Deve-se ainda a João Martins de Athayde a definição das características gráficas dos folhetos, na década de 20 do século passado. Em média, o número de páginas que cada cordel deve conter, dependendo do assunto abordado é de 8 a 16 para pelejas e folhetos de circunstância e 24 a 56 para os romances (PINHEIRO E LÚCIO, 2001, p. 17).

Análise dos dados

O projeto que nos serviu de base para nossa pesquisa, foi realizado numa turma de 6º ano do ensino fundamental na modalidade EJA, em uma escola municipal do interior de Boqueirão – PB, localizada no Distrito do Marinho.

Levando-se em conta a grande carga cultural que pesa sobre a literatura de cordel, achou-se relevante levá-la para a sala de aula para que os alunos tivessem um contato maior com este tipo de texto. Com isso,

foram realizadas diversas leituras de vários livretos, também foram elaboradas diversas discussões acerca da temática dos textos lidos, e houveram também em vários momentos a construção de pontes entre a história lida e a realidade de vida dos alunos.

Partindo do interesse e da identificação por parte dos alunos com o gênero em questão, surge a brecha para a sugestão da realização de uma pequena produção. Ideia está que foi acatada unanimemente. Antes de iniciarmos a nossa produção, fez-se necessário conhecer um pouco sobre o que iríamos produzir, para isso buscamos auxílio nos livros: Cordel na sala de aula – Pinheiro e Lúcio (2001), Tavares (2005) entre outros, para termos aporte teórico para darmos início a nossa produção. Foram dedicadas várias aulas a realização desse projeto, porém o ímpeto e o empenho de cada um, fez com que a dedicação valesse a pena.

No decorrer do trabalho, surgiram algumas dificuldades com relação a linguagem a ser usada no folheto, pois bem se sabe que uma das maiores características do folheto de cordel, é justamente a predominância da oralidade na escrita, até porque essa é uma das qualidades fundamentais que diferenciam esse dos outros tipos de gênero. No entanto, com o decorrer do trabalho, com base no estudo feito e já com uma certa intimidade com o gênero a ser produzido, a nossa produção foi sendo realizada.

Perto do período que finalizaria o projeto, iniciamos a etapa da produção dos livretos. Após montados os textos foram apresentados em um evento na escola, o que trouxe para os alunos o que muitas vezes eles não conseguem, reconhecimento.

Ao término do projeto chegou-se a conclusão de que a produção textual traba-

lhada em sala de aula, deve fazer com que o aluno enxergue a funcionalidade do trabalho que está efetuando, só a partir daí, é que eles irão produzir motivados, e não como mera atividade quantitativa para nota, ou seja, produção com função.

Tomando por base o relato de experiência citado anteriormente, iremos agora analisar possíveis marcas da oralidade presentes na produção dos alunos.

A língua como instrumento de interação é a maior responsável pelo sucesso nas relações entre as pessoas. Dentro de cada esfera social revelamo-nos em um papel social diferente, e introduzido nestes, moldamos nossa linguagem para adaptar-se as necessidades de cada um desses papéis. Nesse processo de moldagem, a língua sofre variações as quais nomeamos de variações lingüísticas.

Sabemos que dependendo do local a qual a língua está sendo utilizada, ela sofre algumas variações, algumas mudanças, e essas mudanças muitas vezes são tidas como erradas, incorretas, é o caso da variação regional. No corpus escolhido podemos ver claramente a influência sofrida por essa variação.

Observe:

Zezin Não tinha trabalho

E era a fim de ganhar um tostãoEstou-
rava espinhas em Raimundo

Onde a recompensa era um pão (5,
1-4)

Variante Diatópica, já que se trata de
variação regional

No trecho mostrado anteriormente podemos ver claramente a utilização da variante regional, pois é muito comum o uso

do diminutivo em nome de pessoas, quando se quer demonstrar uma relação de proximidade ou até mesmo de afetividade. Como na fala geralmente acontece, alguns sons são esquecidos, prevalecendo o som anterior, no nosso caso, podemos ver que além da utilização do diminutivo Zezin (Zezinho), indicando relação de proximidade, constatamos também o uso da regressão da palavra José para apenas Zé, e nessa mesma variação ainda podemos ver outra diminuição da palavra que acontece na sílaba final, onde seria Zezinho fica sendo apenas Zezin. No entanto isso não compromete de nenhuma forma a informação passada, pois como já visto anteriormente, a variação não é uma forma errada de expressão, é apenas uma forma diferente de comunicar-se, prova disso é que a informação passada pelos escritores do texto analisado foi compreendida, mesmo sendo utilizada uma variante regional da língua.

Dentro da mesma linha de pesquisa, analisemos outros fragmentos do corpus escolhido:

Candido Mineiro no lugar

Era um famoso sapateiro

Fazia butina chinelo e sapato

E ganhava muito dinheiro (8, 1-4)

Influência da oralidade na escrita

Seu Terto e dona Terezinha

Ajuntaram de tudo um pouquinho.

Construíram o grupo, a igreja

E o cemitério do Marinho. (10, 1-4)

Influência da oralidade na escrita

Acima foram mostrados dois fragmentos do corpus escolhido, nos quais aparecem o mesmo tipo de variação, palavras que na grafia oficial são escritas de uma certa forma, aqui estão escritas de outra, estão escritas da forma como são pronunciadas, onde podemos ver a forte influência que a oralidade exerce sobre a escrita. Vê-se que os usuários tendem a escrever as palavras da forma como essas são pronunciadas, juntaram no lugar de juntaram, butina no lugar de botina, mas isso impede a construção de sentido do texto? Vemos que não. Isso ocorre por que a língua falada é espontânea, livre e mesmo que fora dos padrões estipulados pela ortografia oficial, cumprem a sua função, que não é de ser vista como escrita “certa” e sim como escrita funcional, e no mais, dentro do gênero estudado é perfeitamente cabível.

Observe os dois últimos fragmentos de nossa análise:

O Marinho antigamente

Era um grande tormento

Carregava água enlatada

Nos pinhaço do jumento. (14,)

Uso informal da língua

A serra do Marinho Tem aquela tremenda altura

De lá da pra se ver

Nossa grande belezura. (33,)

Uso informal da língua

É formidável como a maneira simples da expressão regional é funcional, a impressão que nos passa é de que estamos realmente vendo o jumentinho carregando os

vasilhames cheios d'água em seu lombo, a imagem de uma bela vista do alto de uma serra, retratados de forma tão simples, tão humilde, e tão eficaz. Portanto, não importa se a língua que está sendo utilizada num dado momento é vista por alguns como feia, errada, ou pior, ignorante, o que importa é que não ouve a ausência de comunicação é sim uma comunicação ativa, a qual não privou o leitor de nenhuma informação, e digo mais, informações que foram passadas de formas bela.

Proposta de Sequência Didática

O trabalho com o gênero cordel é muito produtivo por se tratar de um texto onde há uma certa identidade dos alunos do Nordeste Brasileiro, pois esta narra histórias de seus antepassados, como também de ídolos de sua e de outras gerações, além do tipo de linguagem contido trazer para o leitor uma certa intimidade, por se tratar na maioria das vezes de linguagem informal, com traços de variação diatópica. Dessa forma traçaremos um a breve sequência didática para servir de proposta de ensino para os que venham a interessar-se.

A seguinte proposta divide-se em cinco aulas, já que a carga semanal atribuída a disciplinas de língua portuguesa gira em torno desse numero de aulas, e pode ser aplicada em qualquer uma das séries do ensino fundamental II.

Primeiro dia – 2 aulas (aproximadamente 80 minutos)

Objetivos

Realizar uma pequena aula introdutória sobre o gênero;

Realizar a leitura de um folheto, para que os alunos vejam como se faz, já que esse gênero requer antes de tudo uma realização oral;

Instigar leitura dos alunos, distribuindo folhetos de cordel.

Justificativa

A escolha desse gênero para ser trabalhado em sala de aula, realizou-se por se constatar a alta aceitabilidade por parte dos alunos, a identificação que os mesmo tem com as histórias, o fato da leitura desse gênero ser de certa forma mais acessível e acima de tudo pelo repasse da enorme carga cultural que o gênero traz consigo.

Metodologia

1º momento – Aula introdutória a respeito do gênero;

2º momento – Reprodução oral de um folheto por parte do professor, para que com esta, os alunos vejam a especificidade do gênero;

3º momento – Distribuição de folhetos variados para que cada uma faça a sua leitura e interpretação.

Recursos Didáticos

Lousa, pincel e folhetos de cordel.

Avaliação

A avaliação irá realizar-se de forma a analisar o prestígio que o alunado teve ou não pelo gênero em questão, e também na forma de atividade de expressão oral.

Segundo dia – 2 aulas (aproximadamente 80 minutos)

Objetivos

Realizar um breve comentário sobre as leituras efetuadas na aula passada, com a

atenção voltada para o que despertou o interesse dos alunos;

Dar continuidade ao trabalho de leitura dos folhetos, só que hoje a realização será oral. (mais ou menos uma estrofe por aluno);

Construir, se possível, pontes entre as histórias lidas e a realidade de vida dos alunos (oralmente).

Justificativa

A escolha desse gênero para ser trabalhado em sala de aula, realizou-se por se constatar a alta aceitabilidade por parte dos alunos, a identificação que os mesmo tem com as histórias, o fato da leitura desse gênero ser de certa forma mais acessível e acima de tudo pelo repasse da enorme carga cultural que o gênero traz consigo.

Metodologia

1º momento – Puxamos pela memória para relembrarmos um pouco das histórias lidas na aula passada;

2º momento – Efetuamos a leitura de outros exemplares do gênero, com um detalhe diferente, a leitura dessa vez foi realizada de forma oral;

3º momento – Tentamos realizar a construção de pontes entre as histórias lidas em sala de aula e a realidade de vida dos alunos.

Recursos Didáticos

Lousa, pincel e mais folhetos de cordel.

Avaliação

A avaliação irá realizar-se de forma a analisar o prestígio que o alunado teve ou não pelo gênero em questão, e também na forma de atividade de expressão oral.

Terceiro dia – 1 aula (aproximadamente 40 minutos)

Objetivos

Evidenciar que o trabalho com o gênero não para por aqui, esse projeto foi apenas o início.

Realizar uma atividade oral, na qual os alunos dirão o que acharam do trabalho/contato com o gênero;

Instigar os alunos a realizarem uma produção própria deles, individual ou coletiva;

Mostrar que com essa atividade de produção, os próprios alunos poderão evidenciar sua identidade, como autênticos produtores do gênero;

Lembrar sempre que com a leitura se adquire muito mais do que experiências, se adquire abertura para novos caminhos.

Justificativa

A escolha desse gênero para ser trabalhado em sala de aula, realizou-se por se constatar a alta aceitabilidade por parte dos alunos, a identificação que os mesmo tem com as histórias, o fato da leitura desse gênero ser de certa forma mais acessível e acima de tudo pelo repasse da enorme carga cultural que o gênero traz consigo.

Metodologia

1º momento – Agradecimentos aos alunos pelo ímpeto que foi dado para realização da proposta de trabalho com o gênero;

2º momento – Momento destinado aos alunos para que eles possam dizer o que acharam da semana e do trabalho com o gênero;

3º momento – Aproveitar o final para realizar o convite para uma futura produção do gênero.

Recursos Didáticos

Aparelho de som (música ambiente durante toda a aula)

Avaliação

A avaliação irá realizar-se de forma a analisar o prestígio que o alunado teve ou não pelo gênero em questão, e também na forma de atividade de expressão oral.

Lembramos aos que venham a interessar-se a aplicar a proposta em sua sala de aula, que todos os passos propostos estão sujeitos a modificações as quais o (a) professor (a) achar convenientes. Mas podemos adiantar, feito da forma como está proposta já gera um resultado satisfatório.

Bom desempenho!

Considerações Finais

Ao término desta pesquisa, chegamos a conclusão de que, língua falada e língua escrita são vias de uma única mão, metades que se completam, sem claro, uma querem transpassar a outra.

Vimos que, no plano da escrita, a língua é utilizada numa certa “fôrma” chamada ortografia, que nada mais é do que um molde fixo para se registrar produções realizadas. Vimos também que a língua falada é responsável por todos os novos surgimentos, já que a interação acontece no âmbito da oralidade.

Tivemos a oportunidade de ver um pouco das variações que essa língua sofre no entremeio da fala para escrita, aliás, esse foi o nosso objeto de estudo. Constatamos que existem inúmeras variações da nossa língua

e que mais estão surgindo, fato que nos revelou que a língua é dinâmica e está em constante mudança.

Podemos ver que o trabalho com língua nem sempre teve essa ótica, houveram tempos em que dogmas gramaticais imperavam em nosso meio, dogmas estes que excluía qualquer tipo de manifestação oral, que, aliás, existem ainda alguns resquícios. Por outro lado, vimos que a língua evoluiu junto com os seus usuários e que hoje é vista como dinâmica, que se modifica constantemente, e não como mera decoreba.

Esperamos que de alguma forma, o estudo realizado, venha a contribuir de uma maneira geral no âmbito escolar ou até mesmo no acadêmico, como proposta pedagógica para o ensino de língua ou até mesmo como fonte de pesquisa para os que venham a interessar-se pelo tema.

Referências

BAGNO. Marcos. Português ou Brasileiro? : um convite a pesquisa/ Marcos Bagno – 4ª ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Preconceito Linguístico: o que é, e como se faz?/ Marcos Bagno – 43ª ed – São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GALVÃO, Ana M. de Oliveira. *Cordel*: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ILARI. Rodolfo. O português da gente: a língua que nós estudamos e a língua que nós falamos/ Rodolfo Ilari, Renato Basso. 2ª ed – São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH. Ingedore Villaça. Ler e escrever: estratégias de produção textual/ Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. – São Paulo: Contexto, 2009.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. – 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.144p.: Il.; 16x23cm.

PINHEIRO, Hélder. *Cordel na sala de aula* / Hélder Pinheiro, Ana Cristina Marinho Lúcio. – São Paulo: Duas Cidades, 2001 – (Coleção literatura e Ensino, 2).